

TERCEIRO DOMINGO APÓS O PENTECOSTES

29 DE JUNHO DE 2025

GÁLATAS 5.1,13-25

1 TEXTOS DO DIA

1.1 Salmo 16

O hino começa com uma súplica breve: *“Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refugio”*. Esse verso inicial estabelece a temática central da oração. A seguir, o salmista declara sua dependência absoluta de Deus, reconhecendo que nenhum bem possui além do Senhor. Em contraste com os ímpios, que seguem outros deuses e se entregam à idolatria, Davi afirma sua aliança com o povo fiel e sua rejeição a práticas religiosas falsas, que só trazem sofrimento.

Nos versículos seguintes, Davi expressa sua alegria por ter Deus como herança e porção – termos que evocam a linguagem da distribuição de terras entre as tribos de Israel. Para ele, mais importante que bênçãos materiais é a certeza de que o Altíssimo é seu bem maior. Essa consciência é acompanhada por um espírito de gratidão e louvor, pois Davi reconhece que é o Senhor quem lhe dá conselhos, dirige seus passos e mantém sua vida segura.

O clímax do salmo está nos últimos versículos, onde o autor aduz que nem mesmo a morte poderá separá-lo da presença e do cuidado de Deus. Ele afirma que sua alma não ficará no *“Sheol”* (o mundo dos mortos) e que o Senhor não permitirá que o seu “Santo” veja a corrupção. Essa passagem ganhou grande importância na teologia cristã, sendo citada tanto por Pedro em Atos 2 quanto por Paulo em Atos 13 como profecia da ressurreição de Cristo. No entanto, mesmo no contexto original, Davi parece nutrir a esperança de uma vida plena com Deus que transcende a morte, o que já sinaliza uma fé que vai além da mera preservação terrena.

1.2 1Reis 19.9b-21

O trecho de 1Reis 19.9b-21 registra o que ocorrera com Elias após o dramático confronto com os profetas de Baal no Monte Carmelo (cap. 18). O profeta se encontra temeroso e em fuga. A narrativa se desenvolve em tom introspectivo, revelando a fragilidade emocional e espiritual do servo de Deus que, apesar do seu zelo e vitórias, sente-se sozinho, fracassado e ameaçado.

O cenário se desloca para o monte Horebe (também conhecido como Sinai). O versículo 9 inicia com uma pergunta divina: *“Que fazes aqui, Elias?”*, não como uma acusação, mas como um convite ao profeta para expor seu coração diante de Deus. Elias responde com uma queixa amarga; afirmou ter sido fiel, mas Israel rejeitou a aliança, derrubou os altares, matou os profetas, e agora ele se considera o único restante – e ameaçado de morte.

O que se segue é uma teofania. Deus ordena que Elias saia da caverna, pois o Senhor passaria ali. Em seguida, há uma sequência de manifestações naturais: um vento forte, um terremoto e um fogo – todos fenômenos associados a aparições divinas anteriores, como no Sinai. Contudo, o texto enfatiza que Deus não estava em nenhum deles. Finalmente, ouve-se *“um sussurro tranquilo”*, e é nesse silêncio que Elias cobre o rosto e reconhece a presença de Deus. Ora, o Todo-Poderoso, que antes se manifestara em sinais grandiosos, agora se revela na quietude, ensinando ao profeta que a ação divina não está limitada a atos espetaculares, mas também ocorre de maneira sutil em sua redenção.

Por fim, a chamada de Eliseu aponta para a continuidade da missão profética e da fidelidade divina através das gerações. Deus não depende de um homem apenas; sua obra é maior, mais profunda e mais paciente do que os homens conseguem perceber.

1.3 Lucas 9.51-62

Esta perícopé inaugura nova seção do evangelho de Lucas, trazendo, logo no versículo 51, a afirmação de que Jesus *“decidiu firmemente ir para Jerusalém”* (literalmente, *“enrijeceu o rosto para ir”*), a indicar sua determinação inexorável. Esse é o início do itinerário geográfico e teológico em que Jesus se dirige à cidade onde enfrentará a cruz. Lucas quer deixar claro que a paixão de Cristo não foi um acidente,

mas uma missão consciente e voluntária, marcada pela fidelidade do Filho à vontade do Pai.

A primeira cena após essa introdução (vv. 52-56) mostra Jesus sendo rejeitado por um povoado samaritano. Estes recusam hospedá-lo porque está indo a Jerusalém – um sinal das tensões religiosas entre judeus e samaritanos. Diante dessa recusa, Tiago e João reagem com hostilidade e propõem invocar fogo do céu contra os samaritanos, lembrando o profeta Elias (cf. 2Rs 1.10). No entanto, Jesus os repreende. Aqui, Lucas ensina que a missão messiânica não é de vingança ou julgamento violento (ao menos, não antes do Dia do Senhor), mas de redenção.

Nos versículos 57 a 62, três candidatos ao discipulado são introduzidos, e Jesus responde a cada um com exigências que revelam a radicalidade do que significa ser um seguidor seu. Ao primeiro, que se oferece espontaneamente, Cristo responde que *“as raposas têm tocas e as aves do céu ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”*. Com isso, ele mostra que o seguir implica abrir mão da segurança e do conforto; uma entrega total ao Evangelho.

Ao segundo, Jesus convida-o com as palavras *“Segue-me”*, mas o homem pede para primeiro enterrar o pai. A resposta de Jesus *“Deixe que os mortos sepultem os seus mortos”* parece dura, mas expõe a urgência da missão do Reino: nada, nem mesmo os deveres sociais e familiares mais respeitáveis, pode ter prioridade sobre o chamado de Deus. Observa-se que o arqueólogo Rodrigo Silva certa vez afirmou que este “sepultamento” se dava um ano após a morte do sujeito, quando os seus restos mortais eram colocados num ossuário; ou seja, não se tratava de real período de luto (quando do “primeiro” sepultamento), mas de tradição que demandava obrigação social posterior (o autor deste auxílio homilético desconhece esta prática).

Por fim, ao terceiro, que deseja despedir-se da família antes de seguir, Jesus afirma que quem lança mão do arado e olha para trás não é apto para o Reino. O discipulado exige foco e decisão firme, como a que o próprio Cristo havia tomado procedendo para Jerusalém resolutamente.

A fidelidade a Deus, vivida na liberdade do Espírito, sustenta o chamado do discípulo mesmo diante do sofrimento, da renúncia e dos falsos caminhos do poder ou da carne, visto que o novo amor do regenerado (fruto do Altíssimo) o move a assemelhar-se com o Cristo e seu ministério.

A vida fiel a Deus – sustentada pela confiança, pela escuta da sua voz e pelo poder do Espírito – é um caminho de liberdade e entrega que resiste ao domínio da carne e permanece firme, mesmo diante da dor, da renúncia e da rejeição.

Essa é a vocação cristã: seguir Jesus no caminho para Jerusalém, não na força do zelo humano, mas no fruto do Espírito – mansamente, firmemente, com esperança de salvação pelo Evangelho e com o conseqüente cuidado pelo próximo.

3 EXEGESE DE GÁLATAS 5.1,13-25

v.1 - “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou”. Tal liberdade não significa fazermos o que bem entendermos neste mundo, mas vivermos em paz com Deus ao saber que Jesus nos livrou da opressão/escavidão da Lei, isto é, de sermos cobrados por fazer o que não conseguimos.

vv.13-15 - Liberdade não é libertinagem. A liberdade que Jesus nos dá nos faz querer sermos escravos do amor! A palavra “servir” (“douléoo”, em grego) expressa o sentido de alguém que é “escravo”. Paulo resume a Lei com Levítico 19.18, refletindo o ensino de Jesus (Mt 22.39). Assim, ele mostra que a ética cristã se cumpre por meio do amor, e não da letra da Lei.

Neste sentido, o seu “cumprimento” é, na verdade, um reflexo natural do ser cristão, que não precisa do medo da punição – do vergasto da Lei – para ser estimulado ao cuidado com o próximo. Além do mais, conflitos internos, divisões e autodestruição entre cristãos é veementemente reprovada pelo apóstolo no v.15.

vv.16-18 - Paulo agora cita o que o ministério/serviço do Espírito Santo faz no crente, que é oposto ao que a natureza humana corrompida deseja. Perante o Espírito, não há Lei! Em outras palavras, o Espírito Santo não depende da Lei para agir com a sua graça e estímulo ao amor.

vv.19-21 - “[...] os que praticam tais coisas não herdarão o Reino de Deus”. A pergunta é: qual é o cristão que não falha mesmo nestes pontos citados? Estamos longe do Reino, então? Claro que não! O problema do pecado é abraçá-lo sem remorso, culpa e dor pela fragilidade humana. Leia Romanos 7.19-20.

vv.22-25 - Por outro lado, os que nascem do Espírito de Deus querem, com todas as forças, corrigir as suas falhas e procuram, mesmo imperfeitamente, agradar ao Criador com boas obras (embora elas apenas sejam aceitas por Deus por causa de Cristo, quem habita em nós pelo seu Espírito).

“Contra essas coisas não há lei”. Ou seja, a Lei está sendo “cumprida” verdadeiramente por quem anda conforme o Espírito, não por quem segue as regras de culto ultrapassadas da Antiga Aliança. Quem está crucificado com Cristo, vive uma nova vida pelo Espírito, longe de ser dominada pelas paixões e desejos mundanos.

4 REFLEXÃO HOMILÉTICA

Debaixo desta exortação apostólica, questionemo-nos: Como estamos usando a liberdade que temos em Cristo? Estamos a serviço dos outros ou centrados em nós mesmos? É muito fácil, mesmo dentro da igreja, transformar a liberdade em desculpa para agir com egoísmo, impaciência ou rivalidade. Paulo alerta que viver para a carne – ou seja, para nossos desejos desordenados e egoístas – não é compatível com o Reino de Deus.

A vida cristã, então, é marcada por uma tensão real: há uma luta contínua entre a carne e o Espírito. Esse conflito não é sinal de fracasso, mas uma evidência de que estamos vivos espiritualmente. A carne deseja o que é contrário a Deus, mas o Espírito Santo habita em nós para nos fortalecer, nos guiar e nos transformar à imagem de Cristo. Isso significa que a vitória contra o pecado não vem do esforço humano, mas da rendição constante à direção do Espírito.

Por outro lado, é natural sentirmos um peso: quem, afinal, pode dizer que sempre anda no Espírito? Quem nunca cedeu aos desejos da carne, ao orgulho, à impaciência, à inveja ou ao egoísmo? Diante do padrão elevado da vida no Espírito, podemos ser tomados por um senso de inadequação. E, de fato, esse é um dos propósitos da Lei –

mostrar nossa necessidade de um Salvador. Mas o Evangelho não termina na acusação; ele nos conduz à esperança do perdão e à promessa do recomeço.

A boa nova de Cristo é que não somos aceitos por Deus porque conseguimos produzir perfeitamente o fruto do Espírito, mas porque Jesus já viveu essa vida perfeita em nosso lugar. Ele venceu o pecado por nós, entregou-se na cruz por nossos fracassos e ressuscitou para nos dar uma nova vida. Isso significa que, mesmo quando tropeçamos – e todos tropeçamos –, em Cristo temos perdão e a oportunidade de recomeçar. A cruz nos garante que nenhuma queda é definitiva quando há arrependimento sincero.

O Espírito que habita em nós não é um de condenação, mas de santificação. Ele não apenas nos convence do pecado, mas nos ergue, nos limpa e nos fortalece para continuarmos a jornada. Isso significa que cada dia é uma chance de ressuscitarmos pela fé; a partir disto, também de nos reentregarmos a Deus, de buscar de novo a sua face, e de frutificar, ainda que seja aos poucos.

A caminhada cristã é marcada por altos e baixos, mas o Espírito Santo é paciente. Ele trabalha em nós com graça e persistência. Nosso papel é, pela graça, permanecermos nele, confiando não em nossa força, mas em sua fidelidade. Afinal, Deus não começou uma boa obra em nós para abandoná-la pela metade (Fp 1.6).

Allan Breda
Porto Alegre/RS.